

A CONTRIBUIÇÃO DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA PARA A TURMA DE EJA DA ESCOLA DR. BRUNILO JACÓ

Talia Frota Lima de Abreu¹

Juliana Geórgia Gonçalves de Araújo²

RESUMO

Este trabalho toma como objeto de análise a contribuição da aprendizagem cooperativa, mediante a influência do movimento de educação informal, Programa de Estudos em Células Cooperativas (PRECE), para a turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da escola Dr. Brunilo Jacó. Em termos metodológicos, trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, utilizando-se da pesquisa de campo como o procedimento de coleta de dados. O objetivo desta investigação é verificar a interação entre os estudantes da EJA, e como esta metodologia consegue desenvolver, em sala de aula, o protagonismo cooperativo e solidário entre os grupos bases. Para tanto, as observações foram realizadas durante as oficinas como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), a partir da adaptação da metodologia, para melhor atender as necessidades do público-alvo, mas sem comprometer a essência do método original. Como resultado, os princípios e elementos oriundos da aprendizagem cooperativa possibilitaram senso de coletividade entre os estudantes, o respeito às individualidades, além de contribuir para a autonomia e segurança ao se posicionarem diante de determinadas situações.

Palavras-chave: Aprendizagem cooperativa. EJA. Metodologia. Educação.

ABSTRACT:

This work focuses on analyzing the contribution of cooperative learning, influenced by the informal education movement, the Cooperative Study Cell Program (PRECE), for the Youth and Adult Education (EJA) class at Dr. Brunilo Jacó School. Methodologically, it is a qualitative research, utilizing field research as the data collection procedure. The aim of this investigation is to examine the interaction among EJA students and how this methodology can foster cooperative and supportive leadership within base groups in the classroom. To this end, observations were conducted during workshops as a scholarship holder of the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarships (PIBID), adapting the methodology to better meet the needs of the target audience without compromising the essence of the original method. As a result, the principles and elements derived from cooperative learning enabled a sense of collectivity among students, respect for individualities, and contributed to their autonomy and confidence in positioning themselves in various situations.

Keywords: Cooperative Learning. EJA. Methodology. Education.

¹ Discente do Curso de Letras – Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab.

² Orientadora. Doutora em Letras – Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab.

1. INTRODUÇÃO

As metodologias tradicionais que seguem um ensino mecanizado, no qual o professor é o único transmissor de conteúdo, enquanto o aluno segue apenas como receptor, têm se mostrado ineficazes não só para transmissão de conhecimento conteudista, mas também para aquisição de competências interpessoais, que são de suma importância tanto para as relações escolares como para as relações trabalhistas e habilidades sociais. Nessa perspectiva, a aprendizagem cooperativa é uma metodologia na área da educação que surge com a finalidade de quebrar esses paradigmas presentes no ensino.

A partir da necessidade de enriquecer a experiência educacional dos discentes, propõe-se a inclusão de estratégias interativas, nas quais o professor assume o papel de mediador, visando não apenas a ampliação dos conhecimentos e saberes conforme delineados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mas também o estímulo à cooperação, responsabilidade social e solidariedade. Desse modo, a aplicação da aprendizagem cooperativa como ferramenta de ensino na Educação de Jovens e Adultos (EJA) proporciona uma rede de acolhimento aos estudantes, que por motivos individuais.

Consequentemente, há uma discrepância no nível de conhecimento entre os discentes, visto que o tempo de distanciamento da escola é diferente para cada um, ou seja, o retorno à escola possui lacunas. Sob esse viés, muitos estudantes da EJA podem ter experiências de ensino negativas. Ademais, ao considerar os desafios enfrentados no cenário da EJA, a EEMTI Dr. Brunilo Jacó, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira (UNILAB), em parceria com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), possibilitou fornecer uma visão abrangente e aprofundada sobre a contribuição da aprendizagem cooperativa para a turma de EJA.

Por conseguinte, a aprendizagem cooperativa cria um ambiente inclusivo, onde os discentes se sentem valorizados e apoiados, independentemente de seu nível de conhecimento prévio. Outrossim, uma rede de afetos pode criar um ambiente de apoio emocional, onde os alunos se sentem encorajados a superar desafios e acreditar em seu próprio potencial. Considerando-se esses aspectos, o presente trabalho possui relevância para além da sala de aula, uma vez que trabalhar essa metodologia de ensino-aprendizagem pode contribuir na produção de trabalhos em grupos, sendo também, essenciais para aquisição de habilidades sociais. Nesse caso, promover uma educação solidária, compreendendo que essas interações interpessoais têm como base o mutualismo e a empatia, poderá impactar positivamente os estudantes da EJA.

No que se refere a aprendizagem colaborativa, a integração constrói com mais eficiência o processo de conhecimento, além de estimular a responsabilidade individual dos estudantes, sendo assim, mais capazes de alcançar êxito em grupos, em uma determinada

atividade, que provavelmente sozinho não conseguiria. Dessa forma, aplicar essa metodologia, partindo do princípio de manter a cognição e cooperação em constante comunicação, permitindo uma ruptura com o ensino formal, é fundamental para o processo de tentativa de desconstrução dos alunos, buscando extinguir conceitos e ideias que até hoje se encontram enraizados em nossa sociedade.

Numa sociedade em constante evolução, na qual as informações mudam rapidamente, é indispensável pesquisar estratégias que visem estimular os estudantes não apenas com o foco na resolução de questões, mas principalmente, fazê-los estarem presentes genuinamente no ambiente educacional. Isso implica em obter responsabilidades em relação a aprendizagem e a atuação participativa dos alunos, o que conseqüentemente pode promover o desenvolvimento de sua autonomia.

Nessa perspectiva, a pesquisa em questão tem como objetivo geral verificar a interação entre os estudantes por meio da aprendizagem cooperativa e como esta metodologia consegue desenvolver, em sala de aula, o protagonismo cooperativo e solidário entre os grupos bases. Ademais, tem como objetivos específicos analisar como a aprendizagem cooperativa, a partir da proposta do PRECE, é desenvolvida como prática pedagógica na EJA. Além de verificar como os elementos da aprendizagem cooperativa podem ser utilizados como alternativa aos modelos tradicionais de ensino.

2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

A Educação de Jovens e adultos (EJA) foi contemplada na Lei nº 9.394/96, que dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), na qual regulamenta esta modalidade de ensino, tendo como público-alvo jovens e adultos em idade-série escolar diferente da convencional, devido a diversos fatores sociais como, dificuldades familiares, econômicas e culturais, sobretudo, com as relações de trabalho, uma vez que a maioria dessas pessoas são de baixa renda e necessitam trabalhar para sustentar suas famílias, conseqüentemente, deixando a educação em plano secundário. Por conseguinte, interferindo no ingresso do processo de escolarização na idade adequada. No que tange à metodologia na EJA, é sugerido acordo para adaptar-se com a realidade dos estudantes, levando em consideração a realidade destes sujeitos, de modo a inserir no contexto social, com esse processo Paulo Freire explica:

Para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto

do homem concreto a quem queremos educar (ou melhor dito: a quem queremos ajudar a educar-se) (Freire, 1980, p. 33-34).

Para Freire, o importante do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancária”, é que, independentemente dos casos, o sujeito se sinta dono de seu pensar, tendo sua própria visão de mundo, além de manifestada implicitamente ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus parceiros (Freire, 1987). Desse modo, contrariava o método de ensino tradicional, em que o professor detém do saber, autoritário. Essa metodologia de Freire é baseada na relação mútua entre os estudantes e o professor, nesse processo, tanto o aluno aprende, como o professor também aprende com o seu aluno.

Outrossim, Bell Hooks (2017) defende a prática “pedagogia engajada”, em que os docentes precisam se comunicar com os estudantes atentando-se às singularidades de cada um. Seguindo a linha de Paulo Freire, Hooks, crítica a “educação bancária”, o modelo de ensino tradicional, onde tudo que os alunos precisam fazer é consumir a informação dada por um professor, sem interação, apenas como sujeito passivo em sala de aula.

Querem, isto sim, uma educação que cure seu espírito desinformado e ignorante. Querem um conhecimento significativo. Esperam, com toda a razão, que eu e meus colegas não lhes ofereçamos informações sem tratar também da ligação entre o que eles estão aprendendo e sua experiência global de vida (Hooks, 2017, p. 33).

Nesse sentido, é fulcral o papel do professor para auxiliar o processo de autoconhecimento de seus alunos, tendo em vista que o conhecimento de si próprio possibilita o empoderamento para que os sujeitos entendam sobre os papéis que lhes são atribuídos historicamente pelo sistema dominante. Deste modo, as consequências dessa pedagogia permitem compreender a razão necessária é a educação crítica.

É preciso insistir: este saber necessário ao professor - de que ensinar não é transferir conhecimento - não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser - ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica -, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido (Freire, 1996, p. 47).

Percebe-se a sintonia nas reflexões de Bell Hooks com as de Freire entendendo que o processo educacional precisa estabelecer vínculos constantes com a realidade social, sendo singular para cada um, respeitando os anseios dos estudantes, além de considerar relevante as experiências vividas pelos sujeitos.

Ressalta-se ainda, a perspectiva de emancipação social, que embora esteja em segundo plano para esses estudantes, ainda assim, é de suma importância. Mesmo que o foco de interesse seja sua adequação ao mercado de trabalho, seguindo o pensamento de Freire (1996), a educação é uma ferramenta para que através dela os alunos conquistem espaços, assim, o educando consegue preparar o caminho para transformar sua realidade. Essa proposta educacional de Freire fundamenta-se por meio de dois princípios essenciais: a politicidade e a dialogicidade.

No que se refere a politicidade, compreende a educação como problematizadora, sendo mediada pelo diálogo, para buscar a transformação através do pensamento crítico. Por sua vez, a dialogicidade entende que através do diálogo, o educador e educando se tornam sujeitos do processo educacional e anulando os argumentos de autoridade. Deve-se destacar que o diálogo na metodologia freiriana (1987), tem início na interação enquanto ocorre a busca do conteúdo a ser trabalhado, antecedendo a própria ação pedagógica.

Embora tenha a institucionalização na LDB desta modalidade de ensino, a atual BNCC, não elabora diretrizes específicas para esta modalidade, ou seja, a EJA não é objeto de proposta curricular nacional. Dessa forma, as adequações são responsabilidade de estados e municípios. Nesse sentido, é comum tais estudantes procurarem constantemente matricular-se. Com isso, no início do ano letivo, tem-se um número representativo de matriculados, contudo, a frequência passa a ter uma queda significativa. Em razão do regulamento desta modalidade de ensino, pela LDB e pela BNCC, ou devido a perspectivas sociais, como, adaptação metodológica, em todo caso, este tema é sempre alvo de discussão no campo educacional.

À vista disso, este trabalho também pode auxiliar como ferramenta para diminuir essa evasão. De acordo com Paulo Freire (1996), “[...] ensinar exige respeito aos saberes e cultura dos alfabetizados”. Nesse cenário, o trabalho com a aprendizagem cooperativa para o público da EJA se apresenta pertinente, tendo em vista que, o educador, como mediador, precisa respeitar as particularidades de cada um. Além dessa estratégia de ensino possibilitar criar um espaço dinâmico e interativo para que os discentes compartilhem suas vivências entre si. O autor Luiz Rufino (2018) também diz, “A pedagogia como a reivindico compreende-se como um complexo de experiências, práticas, invenções e movimentos que enredam presenças e conhecimentos múltiplos, e se debruça sobre a problemática humana e suas formas de interação com o meio”. Nesse sentido, a educação quebra o paradigma de seguir apenas um único caminho mecanizado, mas se expande para um ensino crítico e plural.

2.1 História do PRECE e aprendizagem cooperativa

O Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE), surgiu em 1994, em uma pequena comunidade rural conhecida como Cipó, localizada no município de Pentecoste, interior do Ceará. O projeto iniciou com sete jovens protagonistas, que fora da faixa etária escolar passaram a se reunir numa antiga casa de farinha para compartilhar conhecimentos, sonhos e esperanças. Entre as dificuldades estava a falta de estrutura do local, alimentação precária e até falta de apoio da família. Superando os empecilhos, esse movimento de estudantes cooperativos adotou seu próprio método de estudo, e entre uma disciplina e outra, conversavam e partilhavam suas histórias de vida.

Após dois anos, em 1996, Francisco Antônio Alves Rodrigues, um dos sete, presta vestibular na Universidade Federal do Ceará (UFC), sendo aprovado em primeiro lugar para o curso de pedagogia. O fato gerou grande repercussão na região, marcando a história educacional do município. No ano seguinte, outro estudante presta o vestibular e é aprovado. Essas duas aprovações motivaram o grupo, atraindo novos estudantes que foram incentivados pela ideia de um dia também entrar na universidade. Os recém universitários oriundos do PRECE eram estimulados a retornarem para a comunidade para colaborar com os demais, assim, aos fins de semana o grupo ganhava auxílio desses universitários e do professor Manoel Andrade, que desde o início ajudou nesse projeto.

Cerca de 40 estudantes da sede de Pentecoste passaram a se tornar “precistas”, em 2002. No ano seguinte, em 2003, na sede do município, é fundada a primeira Escola Popular Cooperativa, atraindo estudantes de outros municípios. Por conseguinte, a partilha de conhecimentos e experiências ampliou-se para mais de 500 estudantes de origem popular na universidade, 13 associações estudantis, que são as Escolas Populares Cooperativas (EPCs) em 4 municípios (Pentecoste, Apuiarés, Paramoti e Umirim). Em 2011, é implantado em Pentecoste a primeira escola de educação profissional que utiliza a aprendizagem cooperativa como metodologia. No mesmo ano, a Secretária de Educação do Ceará (SEDUC) criou projetos para difundir a aprendizagem cooperativa para estudantes e professores do ensino médio.

A principal expectativa dessa estratégia de ensino é fazer os integrantes das equipes entenderem que dependem uns dos outros, logo se um falhar todos falham. Outrossim, esse estímulo para a interação dos colegas promove o aprendizado, além de aprender novas habilidades sociais. Dessa maneira, os estudantes não ficam esperando uns pelos outros, mas desenvolvem autorresponsabilidade ao realizar sua parte no trabalho. É necessário que haja métodos que assegurem a eficiência da cooperação no processo de aprendizagem, para isso cinco elementos são explorados nas atividades:

I. Responsabilidade individual

Para que haja cooperação é importante que todos tenham a responsabilidade de contribuir com o alcance do objetivo comum. Os estudantes devem se tornar capazes de colocarem em prática sozinhos, o que aprenderam juntos. Portanto, desempenhar tarefas e funções individuais, além de serem avaliados individualmente, são estratégias estabelecidas pelo professor para estimular esse elemento no discente.

II. Interdependência positiva

Para garantir o desenvolvimento desse elemento entre os membros do grupo, o professor precisa planejar seu encontro estrategicamente, fazendo com que cada estudante tenha uma tarefa e funções específicas a desempenhar, para isso cada um deve receber materiais diferentes uns dos outros. Ademais, cada equipe deve ter uma meta coletiva a alcançar, ainda, deve haver uma recompensa para cada equipe caso a meta coletiva seja alcançada. Com a finalidade de desenvolver nos estudantes a consciência de que eles atingem o sucesso juntos ou todos fracassarão.

III. Habilidades sociais

Sem habilidades sociais os estudantes não conseguem cooperar entre si e, estudar em grupo, pode até ser menos produtivo. Para utilizar as habilidades sociais, em sala de aula, o professor deve estimular que os estudantes vivenciem os conflitos de forma construtiva para saberem conviver com opiniões diferentes. E depois, incentivar as equipes a fazerem o processamento de grupo para aprenderem a dar e receber feedback.

IV. Interação promotora

Não basta se responsabilizar pelo seu sucesso individual, é preciso se responsabilizar pelo sucesso dos seus colegas. O professor como mediador deve ensinar seus estudantes a encorajarem e incentivarem os colegas com palavras de apoio, fazendo perguntas uns aos outros para gerar essa interação e promover seu objetivo comum. Ainda, encontrar diferentes formas de explicar o mesmo assunto, parafrasear o que o colega falou e até discordar, quando preciso, para ocasionar conflitos cognitivos.

V. Processamento de grupo

Serve para refletir sobre o que deu e/ou não deu certo na equipe, nesse momento da aula os estudantes devem se perguntar sempre sobre o que precisam fazer para melhorar o desempenho da equipe. Para tal finalidade, o professor deve lembrar seus estudantes de rever sua conduta, sugerindo perguntas para reflexão sobre os fatos que influenciaram positivamente e negativamente a eficiência do trabalho em equipe.

É fundamental pontuar, a relação dos contextos semelhantes da EJA e do PRECE, tendo em vista que o projeto com os “precistas” teve início com jovens adultos que estavam fora da sua faixa etária escolar, assim como, a modalidade de ensino direcionada para a Educação de Jovens Adultos (EJA). Adicionalmente, as dificuldades, e por muitas vezes, falta do apoio familiar, estão presentes nas realidades desses dois conceitos. Efetivamente, ambos os programas trabalham para promover a inclusão e atender à diversidade do público-alvo, considerando as diferentes realidades e necessidades educacionais dos estudantes adultos.

Nessa perspectiva, a metodologia da Aprendizagem Cooperativa, que foi trabalhada no PRECE, pode contribuir para a EJA como prática pedagógica a fim de tornar o processo de aprendizado mais significativo e envolvente para os jovens e adultos em busca de educação. Sob esse viés, Bell Hooks (2017) permite refletir que é uma decisão dos educadores, que trabalham na perspectiva da pedagogia emancipatória, construir relações de cuidados uns dos outros, permitindo a reintegração das mentes e corpos, entre eles e seus educandos. Portanto, Hooks reafirma seu compromisso como educadora, trabalhando pela comunidade em sala de aula, preocupada em estar com seus estudantes para estabelecer com eles um diálogo crítico, que de acordo com ela é o elemento primordial que permite a possibilidade de mudança.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho constitui-se de uma abordagem qualitativa, com a finalidade de analisar, compreender, descrever e explicar os resultados da pesquisa, por meio de uma natureza simples. Os aspectos de interesse desse tipo de pesquisa preocupam-se, portanto, com a realidade que não pode ser quantificado, focando na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa exerce um leque de significados, motivos, aspirações, valores e atitudes, correspondendo para um âmbito de relações mais profunda. Logo, essa abordagem possibilita que tenhamos uma análise geral sobre a metodologia de aprendizagem cooperativa.

A pesquisa foi realizada com a única turma de EJA da escola Dr. Brunilo Jacó, durante as oficinas como bolsista do PIBID enquanto ministrava as aulas sobre gênero textual, mais especificamente o gênero notícia. O perfil dos participantes define-se por trabalhadores que ganham em média dois salários-mínimos, composto em sua maioria, por mulheres, algumas sendo mães solas que buscam melhorar de vida através dos estudos ou até mesmo servir como inspiração para seus filhos.

Quanto ao instrumento utilizado para a coleta de dados foi aplicado um pequeno questionário sobre suas opiniões e experiências do trabalho em grupo, além de observações.

Como se trata de uma análise comparativa entre o primeiro e último encontro das oficinas, era necessário que os estudantes colocassem seus nomes no questionário. Contudo, para preservar a identidade de todos os participantes, os nomes não serão mencionados durante a pesquisa. De acordo com Maria Margarida Andrade:

Instrumentos de pesquisa são os meios através dos quais se aplicam as técnicas selecionadas. Se uma pesquisa vai fundamentar a coleta de dados nas entrevistas, torna-se necessário pesquisar o assunto, para depois elaborar o roteiro ou formulário. Evidentemente, os instrumentos de uma pesquisa são exclusivos dela, pois atendem às necessidades daquele caso particular (Andrade, 2009, p. 132).

Nessa afirmação, a autora sugere que não existem padrões nos instrumentos da pesquisa, pois cada instrumento precisa se adequar de acordo com a pesquisa que está inserida, sofrendo modificações. Por sua vez, o procedimento utilizado foi a pesquisa de campo, que na definição proposta por Lakatos (2003), “Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los.” Ao adotar este procedimento, o pesquisador pode entender melhor a origem dos fatos, uma vez que, além de coletá-los, consegue presenciar, assistir, conviver com o objeto a ser estudado, assim, possibilitando uma veracidade maior dos fatos pesquisados.

4. O CONTEXTO EJA NA BRUNILO JACÓ

A EEMTI Dr. Brunilo Jacó, está localizada na área urbana do município de Redenção, no Estado do Ceará. A instituição possui estudantes e profissionais de diferentes bairros e até mesmo de outros municípios como Acarape, Barreira, Guaiúba e Pacatuba. A comunidade escolar é caracterizada, em sua maioria, por famílias advindas da classe média-baixa, cuja renda oscila de um a três salários-mínimos, residindo boa parte na zona rural. Além disso, possui sob sua responsabilidade dezesseis turmas, com aproximadamente 669 alunos, incluindo o horário noturno destinado a EJA.

A escola Dr. Brunilo Jacó foi a segunda escola do município a trabalhar com a modalidade EJA, sendo a EEEP Adolfo Ferreira de Sousa a primeira a iniciar esse tipo de atividade. Entretanto, atualmente existe apenas uma única turma ativa na instituição de ensino. Com o turno destinado para a noite, das 18:30 às 21:30, com horário reservado para o intervalo, com lanche, as aulas ocorrem em uma das salas da instituição, ambiente climatizado, e com projetor para as aulas que necessitam do material de slides ou vídeos. Todavia, devido ao horário, os demais espaços da escola são restritos, como biblioteca e a sala multiuso.

Foi observado no início do ano letivo cerca de setenta estudantes na turma de EJA, restando apenas cerca de trinta estudantes atuantes. Essa subtração dos participantes denota o problema de evasão bastante comum nessa modalidade de ensino. Para os estudantes que não moram na sede, a prefeitura de Acarape disponibiliza um ônibus, sendo que para os demais que não conseguem esse acesso, precisam se transportar de outra forma.

5. APLICANDO A APRENDIZAGEM COOPERATIVA EM SALA DE AULA

Para a implementação desta metodologia de ensino, a aprendizagem cooperativa oriunda do PRECE, precisou ser adaptada para melhor atender a turma e se encaixar às necessidades da escola, pois havia limitações no horário e dia de encontros. Vale ressaltar que trabalhar com essa metodologia requer mais tempo do que a aplicação tradicional, fazendo com que algumas etapas precisem ser deixadas de lado, como por exemplo, o contrato de cooperação, onde seriam registrados por escrito no mínimo três acordos selecionados em consenso pelo grupo base. Assim, a aprendizagem cooperativa teria como intuito aumentar o rendimento da equipe, evitar conversas paralelas durante a tarefa, como também não atrapalhar grupos vizinhos. Além desses acordos, estariam presentes no contrato de cooperação, o processamento do grupo escrito e divisão de funções.

Para além de dividir a atividade, cada integrante teria uma função dentro do grupo, que seria o coordenador, aquele responsável por manter o controle da equipe; o relator, responsável por escrever o contrato de cooperação; e o guardião do tempo, responsável por garantir que as etapas estariam sendo realizadas dentro do tempo estipulado. Embora essas etapas tenham ficado ausentes, tudo foi elaborado cuidadosamente para não haver prejuízo na essência do projeto. Por sua vez, foi montada uma sequência didática dividida em três módulos que serão apresentadas a seguir:

Aula 1:

Essa primeira aula foi apenas de cinquenta minutos, no primeiro horário. Inicialmente foi explicado como seria a metodologia das próximas aulas, na qual constituiria na divisão da sala em grupos de três, atividades adaptadas para motivar o trabalho em equipe, mas sem revelar o intuito da cooperação para não influenciar nas respostas do questionário que foi aplicado no final da aula. Depois houve a exposição introdutória do conteúdo – gênero notícia – como forma de recapitular o assunto que eles já haviam estudado anteriormente com o professor, com uma duração em torno de 20 minutos. Com o tempo restante do encontro, também foi aplicada uma tarefa individual com a finalidade de ser um pré-diagnóstico do conteúdo da aula antes de iniciar

a imersão da proposta da pesquisa para a turma. Ainda, como mencionado anteriormente, o final desse primeiro encontro foi destinado para os estudantes responderem ao questionário.

Aula 2:

Neste dia, foi necessário o tempo de duas aulas de cinquenta minutos para executar todo o processo. Como não havia a função guardião do tempo, cada etapa foi cronometrada pelos bolsistas a fim de manter o controle da aula. Primeiramente, foi realizada a exposição inicial do conteúdo, dessa vez com mais detalhamento nos aspectos do gênero notícia, durando cerca de 20 minutos. Depois a turma foi dividida em grupos de três, escolhidos livremente pelos alunos, denominados “grupos base”, sendo que cada grupo recebeu uma folha com a atividade coletiva de seis questões. Nesse sentido, cada membro do grupo ficou responsável por duas questões e após resolverem suas respectivas questões, deveriam compartilhá-las com o restante da equipe. Toda essa etapa durou aproximadamente 30 minutos e depois a turma foi liberada para o intervalo. Após o retorno à sala foram destinados 10 minutos para o feedback sobre a resolução da tarefa e seu desempenho com os colegas de seu grupo. Por fim, o tempo restante da aula foi reservado à atividade individual para identificar se os grupos foram de fato cooperativos.

Aula 3:

O último módulo foi concluído com uma prática pedagógica para inserir a explicação sobre a aprendizagem cooperativa e apresentar a história do PRECE, demonstrando a sua relevância para um ensino solidário, o que durou aproximadamente 20 minutos. Depois foi aplicada uma atividade individual para pós-diagnósticos do conteúdo, o que durou cerca de 25 minutos. Por fim, as perguntas do questionário da primeira aula foram repassadas novamente para comparação com as novas perspectivas sobre trabalhos em grupo, agora que os estudantes haviam vivenciado. Devido ao tempo, por ser uma aula de cinquenta minutos, as respostas do questionário foram recolhidas pelo professor em outro momento.

6. A APRENDIZAGEM COOPERATIVA SOB A ÓTICA DA COMUNIDADE EJA BRUNILLO JACÓ

Nesta seção serão expostos os resultados empíricos coletados na pesquisa. Para melhor compreensão eles foram estruturados ao encontro dos objetivos específicos desta pesquisa. Para averiguar a interação entre os estudantes por meio da aprendizagem cooperativa, foi utilizado o instrumento de coleta de dados referentes aos estudantes, por meio da comparação das respostas de um questionário.

Ao final da primeira aula foi aplicado um questionário aos alunos, referente as suas opiniões sobre trabalhos em grupo com base em vivências anteriores, tanto dentro do ambiente escolar como no ambiente de trabalho. Neste encontro, vinte e dois estudantes estavam presentes e responderam todas as perguntas. Vale ressaltar que, atualmente, a turma possui trinta alunos frequentando regularmente. No último módulo este mesmo questionário foi aplicado novamente, desta vez, para analisar se houve alteração em suas opiniões sobre a convivência em trabalho em grupo, logo após terem passado por essa vivência. Neste último encontro, vinte e dois estavam presentes e responderam todas as questões também, porém só foi possível realizar a comparação das respostas com quatorze, pois foram estes que estavam presentes nos dois dias. Isto, devido a ausência dos demais alunos em um dos questionários. Segue abaixo os quadros com os dados coletados:

6.1. Número de estudantes que responderam os questionários

Quadro 1: aplicação do questionário

1° Questionário	2° Questionário	Questionário 1 e 2
22 responderam	22 responderam	14 responderam os dois questionários
8 faltaram	8 faltaram	4 responderam diferente no 2° questionário

Fonte: Elaboração própria (2023).

Todas as quatro respostas que foram divergentes foram na terceira pergunta, **“Quais as suas dificuldades ao estudar em grupo?”** No 1° questionário seis estudantes haviam respondido de maneira positiva esta pergunta. Os outros oito responderam que havia muitas dificuldades devido a diversos conflitos, como, participantes que não faziam sua parte, muita dispersão e barulho.

Por não ter uma divisão de funções, os integrantes dentro dos grupos perdiam o foco facilmente, não existia senso de responsabilidade individual nem coletiva. Embora os estudantes gostem das atividades em grupo, em algumas ocasiões, essa dinâmica interferia de maneira negativa no seu processo de aprendizagem.

6.2. Comparação entre os dois questionários

Como mencionado anteriormente, trata-se de uma análise comparativa entre o primeiro e o último encontro das oficinas. A partir disso, foi feito um levantamento com as respostas do questionário. Primeiro foram identificados os estudantes que responderam nas duas vezes, após esse reconhecimento, as respostas foram analisadas e categorizadas entre os que mantiveram

suas respostas, e os que mudaram. Concluiu-se que a única pergunta que sofria com alguma alteração foi a que questionava sobre as dificuldades em grupo.

Quadro 2: dados comparativos

Primeiro questionário		Segundo questionário	
Responderam que não possuem dificuldade em trabalhos em grupo	6 estudantes	Responderam que não possuem dificuldade em trabalhos em grupo	10 estudantes
Responderam que havia muitas dificuldades com trabalhos em grupo	8 estudantes	Responderam que havia muitas dificuldades com trabalhos em grupo	4 estudantes

Fonte: Elaboração própria (2023).

Para exemplificar serão utilizadas as respostas de dois estudantes que para preservar suas identidades serão identificados como (E1) e (E2).

1º Questionário – E1: porque tem o estresse, os desentendimentos, quando o colega não quer nada e conversa muito e várias outras coisas.

2º Questionário – E1: É sempre desafiador, mas no fundo é muito bom, temos sempre um pouco para aprender.

1º Questionário – E2: Quando não há diálogo isso dificulta.

2º Questionário – E2: Somente as opiniões diferentes, mas com conversa conseguimos ajustar tudo.

Nota-se que a princípio, com as dinâmicas em grupos sem uma estratégia de organização, ocorriam conflitos entre os integrantes das equipes, possivelmente diminuindo seu rendimento na aula. Após a aprendizagem cooperativa suas relações começaram a mudar positivamente. Foi observado que a combinação dessa metodologia com a EJA aumentou o engajamento e a motivação, pois proporcionou uma abordagem mais participativa e solidária. Os estudantes se sentiram mais apoiados e encorajados, melhorando sua atitude em relação ao aprendizado. A conquista de metas em grupo apresentou um impacto positivo na autoestima individual, proporcionando um ambiente mais inclusivo.

Além disso, promoveu o desenvolvimento de habilidades sociais, como melhor comunicação, trabalho em equipe e resolução de conflitos, aprendendo a realizarem e aceitarem críticas, discordando da ideia do outro de uma forma construtiva. Essas habilidades são cruciais para os adultos que buscam melhorar suas vidas pessoais e profissionais.

Outro ponto são os elementos da aprendizagem cooperativa, que foram colocados em prática e demonstraram serem eficazes com esse público. Os estudantes da EJA apresentaram responsabilidade individual com sua parte da atividade, desenvolvendo seu protagonismo. Ainda, a interação promotora foi observada em boa parte dos grupos bases, estes além de se preocuparem e buscarem êxito individual, também ajudaram seu colega que estava com um pouco mais de dificuldade com a atividade. Os grupos que se apropriaram dos elementos da aprendizagem cooperativa entenderam que só iriam conseguir atingir ao resultado máximo se todos se ajudassem mutuamente. Ressalta-se ainda que os quatro estudantes que mantiveram suas dificuldades com trabalhos em grupo, não atingiram êxito nas atividades coletivas, nem individuais.

7. CONCLUSÃO

Neste trabalho, foi abordada a relevância de um ensino crítico através do diálogo, com a finalidade de quebrar o paradigma da educação tradicional, ao incluir estratégias interativas para os discentes, visto que, a implementação da aprendizagem cooperativa na turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) revelou-se uma estratégia pedagógica valiosa, oferecendo benefícios significativos para os educandos. Ao longo desta pesquisa, foi observada que a aprendizagem cooperativa promoveu uma maior participação dos alunos, incentivou a construção coletiva do conhecimento, despertou o protagonismo, beneficiou na construção de relacionamentos e proporcionou um ambiente de aprendizado mais inclusivo.

Os resultados evidenciaram um aumento na motivação dos estudantes, muitos dos quais enfrentam desafios únicos em seu retorno à educação formal. Portanto, a aprendizagem cooperativa demonstrou ser uma ferramenta eficaz para superar barreiras individuais, promovendo o desenvolvimento de habilidades sociais e a construção de relações interpessoais positivas. Além disso, essa metodologia contribuiu para a criação de um ambiente de sala de aula mais solidário, onde os estudantes se sentiram mais confortáveis para expressar suas ideias. Essa dinâmica fortaleceu o senso de comunidade na turma de EJA da escola Dr. Brunilo Jacó, proporcionando um suporte mútuo que vai além dos limites do espaço educacional.

Contudo, é essencial reconhecer que a aprendizagem cooperativa não é uma panaceia, e desafios surgem durante a implementação. Limitações como as divergências das opiniões individuais e a logística, como a organização de grupos e o gerenciamento do tempo de aula, podem ser desafios práticos, pois demanda mais tempo em comparação com métodos de ensino mais tradicionais. Esses fatores, necessitam de uma orientação cuidadosa,

exigindo atenção contínua. É importante destacar que, embora o professor atue como mediador, ele precisa manter o controle das etapas que serão executadas, caso o contrário a aula pode não ter o efeito esperado. No entanto, ao superar esses desafios, os benefícios evidentes destacam a relevância da aprendizagem cooperativa como uma ferramenta para aprimorar a experiência destes discentes na EJA.

Em última análise, este estudo fortalece a compreensão de que essa metodologia de ensino-aprendizagem não apenas complementa, mas enriquece o processo educacional na EJA, promovendo uma abordagem mais centrada no estudante e os preparando para enfrentar os desafios ao longo da vida. Ao incorporar princípios colaborativos de ensino, os alunos desenvolvem melhor autoestima, tendo em vista que há um sentimento de eficiência quando ocorre essa integração com a turma, além de favorecer sucesso acadêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2023.

Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Dr. Brunilo Jacó (2022). Projeto Político Pedagógico [PPP]. Redenção, CE.

FIRMIANO, Ednaldo Pereira. **Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula**. PRECE. 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____, Paulo. O Homem e Sua Experiência/Alfabetização e Conscientização. In: FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980, p. 13-50.

_____, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade**. 2ª Edição, Editora WMF Martins Fontes LTDA, 2017.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas 2003.

MINAYO, M. C. **Ciência, técnica e arte**: o desafio da Pesquisa Social. In:_____. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 09-30.

PRECE. **Programa de Educação em Células Cooperativas**. Histórico. Disponível em: <www.prece.ufc.br>. Acesso em: 21 out. 2023.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. **Revista Periferia**, v.10, n.1, p. 71-88, Jan./Jun.2018.